Indústria 5.0: Oportunidades e Desafios para Arquitetura e Construção

13º Simpósio Brasileiro de Gestão e Economia da Construção e 4º Simpósio Brasileiro de Tecnologia da Informação e Comunicação na Construção

ARACAJU-SE | 08 a 10 de Novembro

[1]ANÁLISE DE ESTRESSE OCUPACIONAL ENTRE ENGENHEIROS GESTORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Occupational stress analysis among construction management engineers

Lucas Mateus da Costa Nery
Universidade Federal do Pará | Belém, Pará | eng.lucasnery@gmail.com

Luiz Maurício Furtado Maués
Universidade Federal do Pará | Belém, Pará| maues@ufpa.br

Felipe de Sá Moreira
Universidade Federal do Pará | Belém, Pará| samoreira@ufpa.br

Luiz Fernando Mahlmann Heineck
Universidade Estadual do Ceará | Fortaleza, Ceará | freitas8@terra.com.br

Wylliam Bessa Santana
Instituto Federal do Pará | Belém, Pará | wylliam.santana@gmail.com

RESUMO

Os engenheiros com função de gestor são responsáveis por planejar, organizar, dirigir, coordenar e controlar todos os recursos necessários para o sucesso de uma obra de engenharia. Por conta desta grande responsabilidade, a profissão é caracterizada como estressante. Por isso, essa pesquisa tem como objetivo identificar as principais causas de estresse no trabalho do engenheiro gestor. Como método, se tem uma pesquisa descritiva, de levantamento, em que se utilizou uma escala de estresse desenvolvida por Ferreira *et al.* (2015) e uma entrevista qualitativa. Os resultados demonstraram que o estressor que mais atinge engenheiros civis é a pressão relativa à responsabilidade do cargo seguido do conflito e ambiguidade de papeis e que os engenheiros nível pleno demonstraram maior estresse quando comparados ao nível júnior e sênior. Também se identificou que o fator tempo é relevante para ocasionar estresse nos engenheiros, seja por atrasos nos materiais, projetos ou serviços. A pesquisa contribui para traçar um perfil dos engenheiros gestores em Belém do Pará e evidenciar as razões de estresse dos profissionais nessa região do país. Ao identificar as razões de estresse no ambiente laboral poderá se traçar estratégias futuras para combater o estresse.

Palavras-chave: Gestor; Engenheiro Civil; Estressores ocupacionais.

ABSTRACT

Engineers with a managerial role are responsible in construction for planning, organizing, directing, coordinating and controlling all the resources necessary for the success of the engineering work. Because of this great responsibility, the profession is characterized as stressful. Therefore, this research aims to identify the main causes of stress in the work of the managing engineer. As a method, there is a descriptive survey research, in which a stress scale developed by Ferreira et al. (2015) and a qualitative interview. The stressful results that the stressor that most affects the civil engineers is the pressure related to the responsibility of the load followed by the conflict and ambiguity of roles and that the full level engineers felt more stress when compared to the junior and senior level. It was also identified that the time factor is relevant to cause stress in engineers, whether due to delays in materials, projects or services. The research contributes to outline a profile of managing engineers in Belém of Pará and to highlight the reasons for stress among professionals in this region of the country. By identifying the reasons for stress in the work environment, future strategies can be devised to combat stress.

Keywords: Manager; Civil engineer; occupational stressors.

1 INTRODUÇÃO

A construção civil no Brasil é responsável por parcela significativa do PIB na indústria Brasileira. Parte dos trabalhadores dessa indústria são os engenheiros civis, responsáveis por diversas funções, em que está inserido o engenheiro gestor. A necessidade de uma gestão de qualidade com finalidade de reduzir custos,

[1]NERY, L. M. C.; MAUÉS, L. M. F.; MOREIRA, F. S.; HEINECK, L. F. M.; SANTANA, W. B; Análise de estresse ocupacional entre engenheiros gestores da construção civil. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GESTÃO E ECONOMIA DA CONSTRUÇÃO, 13., 2023, Aracaju. **Anais [...].** Porto Alegre: ANTAC, 2023.

diminuir as incompatibilidades de projetos e possíveis riscos financeiros ou de projeto tornam a profissão estressante (BELÉM, 2018; LING; GOH, 2018).

O estresse tem sido associado ao surgimento de doenças físicas e mentais como alcoolismo, suicídio, uso de drogas (LEVINE; SCOTCH, 2017), aumento do colesterol, doenças no estômago, aumento da pressão arterial sistólica e aceleração da progressão da doença coronariana (FLETCHER, 1991; WANG *et al.*, 2007), afetando o bem-estar e qualidade de vida dos indivíduos (ALMEIDA *et al.*, 2016).

O estresse ocupacional pode ser definido, de maneira genérica, como uma resposta que o indivíduo dá quando submetido a pressões e demandas de trabalho incompatíveis com suas habilidades e conhecimentos (SIMONELLI, 2020). Marras e Veloso (2012), afirmam que o estresse ocupacional é a resultante de reações biológicas e psicológicas em um indivíduo em função da presença real, percebida e/ou socialmente construída por um agente estressor.

Os agentes estressores organizacionais são estímulos do ambiente de trabalho que reivindicam respostas de adaptação do trabalhador (PASCHOAL; TAMAYO, 2005). Maqsoom *et al.* (2018) definem os estressores como os fatores que refletem nos aspectos psicológicos e sociais do trabalhador nos vários ambientes em que ele está inserido.

Muitas teorias e modelos foram e têm sido criadas para classificar ou quantificar as causas de estresse ocupacional. Um destes modelos é o de Cooper e colaboradores ao longo dos anos. Os autores defendem a existência de cinco conjuntos principais de estressores relacionados ao ambiente laboral, são eles: Fatores relacionados às características do trabalho, papeis organizacionais, relações interpessoais no trabalho, desenvolvimento de carreira e o conflito trabalho-família ou fatores extraorganizacionais (COOPER; DEWE; O' DRISCOLL, 2001).

Fatores relacionados às características do trabalho estão ligados às más condições e sobrecarga de trabalho. Papeis organizacionais inclui ambiguidade e conflito de papeis. Relações interpessoais no trabalho se ligam ao relacionamento com a chefia, colegas de profissão e subordinados. Desenvolvimento na carreira é composto por promoção, subpromoção, insegurança no emprego. Conflito trabalho-família abrange conflitos na administração do trabalho em detrimento a família e vice-versa (COOPER; DEWE; O' DRISCOLL, 2001; FERREIRA *et al.*, 2015).

Através das teorias de Cooper e colaboradores, foram criadas outras ferramentas muito utilizadas no estudo do estresse ocupacional, como a Escala de Estresse no Trabalho (EET), desenvolvida por Paschoal e Tamayo (2005), a Escala de Avaliação de Estressores Psicossociais no Contexto Laboral, desenvolvida por Ferreira *et al*., (2015), e a mais utilizada que é a *Occupational Stress Indicator (OSI)* (WU *et al.*, 2018). Além das escalas baseadas nos conceitos de Cooper, há outras escalas que foram desenvolvidas e muito utilizadas no estudo do estresse como o *Job Content Questionnaire* (JCQ), o *Job Stress Questionnaire (JSQ)* e a *effort-reward imbalance* (ERI), baseadas principalmente na teoria de Karasek de demanda-controle (JUNG; LIM; CHI, 2020).

Na construção civil, de forma geral, o estresse tem sido associado a outros fatores, como a distúrbios musculoesqueléticos (CHAKRABORTY *et al.*, 2018), acidentes e lesões no trabalho (GOLDENHAR; WILLIAMS; SWANSON, 2003), a síndrome do esgotamento profissional (*Burnout*) (LEUNG; CHAN; DONGYU, 2011), a saúde mental (LOVE; EDWARDS; IRANI, 2010), as diferenças de gênero (LOOSEMORE; WATERS, 2004), entre outros.

Esses estudos utilizam como amostra os diversos trabalhadores da construção abrangendo a mão de obra direta, arquitetos, projetistas, engenheiros de segurança, gerentes, entre outras especialidades. No entanto, no Brasil há escassez de estudos sobre estresse abrangendo engenheiros civis com função de gestor, criando uma lacuna no conhecimento a respeito do assunto e como estresse atinge tais profissionais no ambiente de trabalho.

Por esse motivo, tem-se como objetivo principal identificar quais as principais causas de estresse em engenheiros civis com função de gestor e traçar um perfil desses profissionais na segunda maior cidade da região norte do Brasil. Analisar e identificar os potenciais estressores atuantes nessa profissão é importante para que se escolha as medidas de enfrentamento corretas e para minimizar situações que ocasionam tais estresses, reduzindo o mal físico, psicológico e o prejuízo monetário causado pela presença dele.

2 MÉTODO DE PESQUISA

Neste trabalho utilizou-se o método de pesquisa descritivo, de levantamento, em que se colheram dados de um público-alvo composto por 57 engenheiros civis com função de gestor, localizados no Norte do Brasil. Inicialmente se buscou fazer uma revisão sistemática da literatura em busca de artigos nacionais e internacionais e de autores que já haviam realizado abordagem semelhante. A ênfase desta etapa foi tomar conhecimentos dos conceitos relativos ao estresse ocupacional e buscar ferramentas de pesquisa que melhor se adequasse a amostra.

Após a análise sistemática de literatura e das ferramentas de pesquisa utilizadas no estudo do estresse, optou-se por um questionário de estresse nacional, que melhor se adapta a realidade do engenheiro civil brasileiro. Desta forma, o questionário escolhido foi elaborado por Ferreira et al. (2015) por título “Escala para avaliação de estressores psicossociais no contexto laboral: Construção e evidências de validade”.

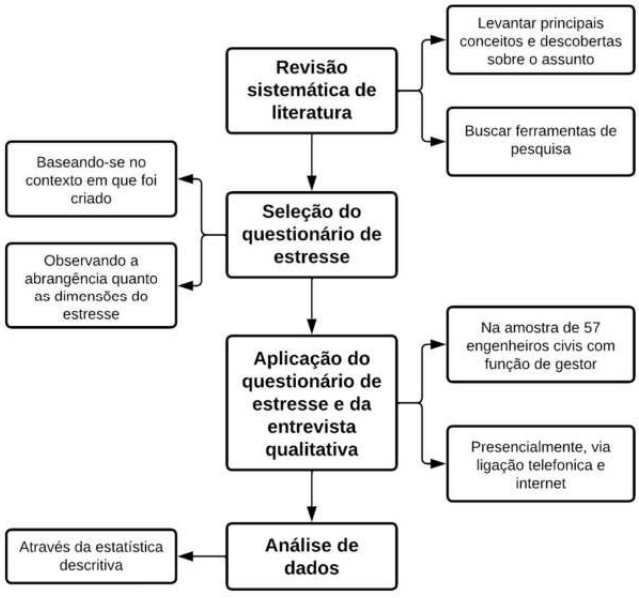
Este questionário se baseou no modelo de estresse de Cooper (2001) e é composto de 35 itens, podendo ser respondido em uma escala de 06 pontos, variando de (1) Nunca me afeta a (6) Sempre me afeta. Ele abrange sete fatores ou dimensões de estresse, a saber: Conflito e ambiguidade de papeis (CAP), sobrecarga de papeis (SP), falta de suporte social (FSS), insegurança na carreira (IC), falta de autonomia (FA), conflito trabalho-família (CTF) e pressão relativa à responsabilidade do cargo (PRC). Dos trinta e cinco itens totais, cinco se referem ao CAP, seis a SP, seis a FSS, quatro a IC, cinco a FA, cinco ao CTF e quatro a PRC.

Após a escolha do questionário, realizou-se uma entrevista piloto que obteve resultado satisfatório. Para conseguir maior envolvimento do entrevistado na pesquisa, elaborou-se uma pergunta aberta em que o engenheiro poderia narrar situações do seu ambiente de trabalho que lhe causava estresse. Essa pergunta foi: “Quais estressores que o participante identificava no seu dia a dia no trabalho?”. Além disso, se adicionou dados sócio-demográficos a entrevista, a saber: Idade, gênero, estado civil, quantidade de filhos, tipo de funcionário (público ou privado) e tempo de experiência dos participantes.

Desta forma, as entrevistas se deram presencialmente, por telefone e via internet, dependendo da disponibilidade do engenheiro entrevistado. Elas foram gravadas e utilizadas para associação das respostas do questionário com as situações do dia a dia dos engenheiros.

A última fase foi a análise de dados estatísticos. Para isso, utilizou a estatística descritiva, analisando medidas de tendência central e dispersões. A pergunta aberta sobre os estressores que o participante encontrava no trabalho foi transcrita e analisada isoladamente, uma a uma. Um resumo do método encontra-se na Figura 1.

Figura 1- Resumo do método de pesquisa



Fonte: os autores.

2.1 Caracterização da amostra

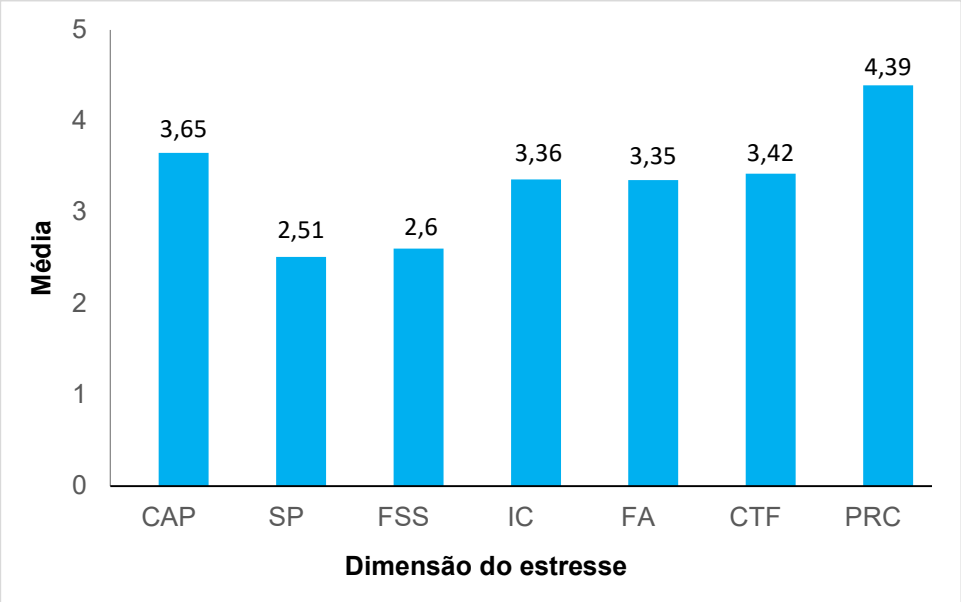
De modo geral, a amostra contou com 57 engenheiros civis com função de gestor. Deste total, 36 são do gênero masculino e 21 do feminino, entre idade mínima de 22 anos e a máxima de 66 anos. Quanto ao estado civil, 34 são casados, 19 são solteiros, 02 são divorciados e 02 vivem em união estável. No quesito filhos, a maioria dos engenheiros entrevistados possui filhos com 54,39% contra 45,61% que não possuem. Para o tipo de funcionário obtiveram-se duas classificações: público e privado. Desta forma, 41 engenheiros (71,9%) pertencem a cargos públicos e 16 (28,1%) estão inseridos no âmbito privado.

Quando relacionado ao tempo de experiência dos profissionais, optou-se por classificá-los de acordo com três níveis: (1) Nível Júnior, composto por profissionais mais jovens, com até 05 anos na profissão; (2) Nível Pleno constituído por engenheiros civis com 06 a 10 anos de experiência na profissão e (3) Nível Sênior, composto por profissionais com mais de 10 anos atuando na profissão. Então, na amostra obteve-se 14 engenheiros júnior (24,56%), 11 plenos (19,30%) e 32 nível sênior (56,14%).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Através das análises estatísticas os dados do questionário de estresse, pode-se observar que a pressão da responsabilidade do cargo (PRC) é o estressor mais atuante na amostra, seguido do conflito e ambiguidade de papéis (CAP), insegurança na carreira (IC), falta de autonomia (FA), conflito trabalho família (CTF), falta de suporte social (FSS), e, por último, sobrecarga de papéis (SP). As médias encontram-se descritas na Figura 2.

Figura 2- Média obtida em cada dimensão na entrevista quantitativa



Fonte: os autores.

A pressão da responsabilidade do cargo obteve como principais causas do estresse: (1) Saber que meus erros podem ocasionar grandes perdas de equipamentos ou produtos; (2) Saber que meus erros podem afetar o trabalho de outros colegas e (3) Saber que meus erros podem interferir negativamente na vida de outras pessoas. No conflito e ambiguidade de papeis as situações foram: (1) Ser solicitado (a) a fazer coisas que vão contra meus próprios princípios e (2) Não saber exatamente as tarefas que são de minha responsabilidade.

Na dimensão Insegurança na carreira os itens foram: (1) Trabalhar em um ambiente de instabilidade quanto à minha permanência no emprego e (2) Conviver com rumores sobre dificuldades financeiras da empresa. Isso se deu especialmente nos indivíduos que pertencem a cargos privados. Pereira (2005) corrobora com essa conclusão quando estudou o estresse ocupacional em gerentes, função exercida pelos engenheiros

desta pesquisa e constatou que as responsabilidades acima do limite, a insegurança em relação ao trabalho e a relação no trabalho (convivência com pessoas difíceis) são fontes de tensão na classe.

Na dimensão falta de autonomia as situações que mais afetaram os engenheiros foram: (1) Não poder decidir quando tirar férias; (2) Não poder planejar minhas horas de trabalho; (3) Não poder decidir sobre quando me ausentar temporariamente do meu local de trabalho. No conflito trabalho-família, as causas abordadas no questionário de estresse que mais afetaram a amostra foram: (1) Não me desligar do trabalho mesmo quando estou em casa; (2) Não poder cuidar direito de minha família em função do trabalho e (3) Não dispor de tempo para minha vida pessoal em função do trabalho.

Ao analisar a falta de suporte social, se observou que a dimensão obteve alto índice de respostas “nunca me afeta”, “raramente me afeta” e “às vezes me afeta”, no entanto, as afirmativas mais relevantes foram: (1) Não receber ajuda de meus colegas quando tenho algum problema no trabalho e (2) Não ser ouvido por meus colegas quando tenho algum problema pessoal. A última dimensão, sobrecarga de papeis contou com “Realizar várias tarefas ao mesmo tempo” como principal fonte de estresse.

Em seguida, se comparou os estressores ao gênero, tempo de experiência, quantidade de filhos e estado civil dos entrevistados. Quanto ao gênero, chegou-se à conclusão que as mulheres são frequentemente mais estressadas que os homens em seus ambientes de trabalho. Esse resultado foi obtido através do teste t independente, em que foi possível observar maior estresse das mulheres frente aos homens nas dimensões: Conflito e ambiguidade de papéis; falta de autonomia, pressão da responsabilidade do cargo e conflito trabalho-família. Strobino e Teixeira (2014) analisaram o estresse ocupacional com foco no estressor trabalho-família em mulheres empreendedoras na indústria da construção civil e constataram que o fator tempo é o maior gerador de conflitos na profissão e o equilíbrio emocional é fundamental para atenuar o estresse.

Também se comparou os resultados de estresse com o tempo de experiência dos entrevistados. Os resultados mostraram diferença entre engenheiros de nível Sênior e engenheiros de nível pleno em três dimensões do estresse, a saber: Conflito e ambiguidade de papeis, falta de autonomia e conflito trabalho-família. Nestas dimensões, os engenheiros nível Pleno mostraram maior frequência de estresse quando relacionados aos de nível Sênior.

Por último, se analisou a relação entre estresse e a quantidade de filhos dos entrevistados. Deste modo, foi possível observar a dimensão insegurança na carreira teve significância quando comparada a quantidade de filhos, em que os engenheiros com filhos se mostraram mais estressados quando comparados com indivíduos sem filhos. Não houve significância quando se comparou estresse, idade e estado civil. No entanto, há estudos que analisaram os níveis de estresse em trabalhadores da construção civil e observaram que a percepção de alta demanda de trabalho e estresse é maior em funcionários mais jovens (com menos de 40 anos) do que nos mais velhos (VALINOTE *et al.*, 2014).

A entrevista qualitativa buscou entender mais especificamente as situações que causam estresse na profissão através de diálogos gravados com os engenheiros em que estes apresentavam situações do dia a dia que causavam o estresse. É importante mencionar que nessa fase se isolou somente situações ocupacionais, não inserindo fatores extraorganizacionais, que até aqui foi demonstrado que contribuem para o desencadeamento do estresse.

As respostas foram diversas e entre as principais causas está o fator tempo, seja por atraso de material, atraso de cronograma ou curto prazo para se cumprir metas. São exemplos dessas respostas trechos retirados da conversa observadas nos relatos abaixo:

“... Você chega e denota uma fração de período de tempo para uma atividade que por algum motivo não acontece... a gente trabalha sob pressão, principalmente do fator tempo, que nunca tem tempo pra nada...”. (Entrevistado 02).

“... O prazo de obra, né?! Alcançar o prazo que deveria pra obra... atraso no cronograma é o que mais me estressa.” (Entrevistado 14).

As outras respostas foram diversas como: forte pressão por parte da alta direção, excesso de trabalho, burocracias advindas dos órgãos públicos, dentre outros. No entanto se observou que o tempo para executar as atividades acarreta diversas outras causas de estresse. Por exemplo, o atraso na entrega de materiais ocasiona o atraso no cronograma que, consequentemente, traz pressão ao engenheiro por parte do seu

empregador. E situações como esta ocorrem frequentemente visto que a maioria dos entrevistados relatou trabalhar sob pressão.

Essas situações estressantes do dia a dia do engenheiro também foram encontradas pela pesquisa de Pereira (2005), ao analisar o estresse ocupacional em gerentes, constatando que quando se trata de planejamento de ações e prazos, a carga de trabalho e as cobranças por resultados são maiores, gerando estresse. Também é importante comentar que o gerenciamento do estresse é individual, por exemplo, Ng, Skitmore e Leung (2005) analisaram este tema em gerentes da construção civil e concluíram que a sobrecarga de trabalho, horário de trabalho apertado e burocracias são estressores difíceis de administrar, enquanto problemas de relacionamentos interpessoais são menos difíceis de resolver. No entanto, a potencialidade da situação causar estresse depende do indivíduo, isto é, de cada gestor.

Um dado importante obtido neste diálogo com os gestores foi no quesito produtividade e desempenho. Na entrevista, 31 entrevistados (54,38%) relataram que o estresse ou as situações estressantes reduzem seu desempenho no ambiente laboral e os motivos são diversos que se estendem desde o físico ao psicológico. Por exemplo, o entrevistado de número 23 (E23) relatou que o estresse, dependendo do motivo, causa em si uma desmotivação quanto a sua atividade desenvolvida e isso não o deixa desenvolver 100% do seu potencial; Por outro lado o entrevistado “E9” declarou que o estresse abala seu corpo físico devido a doenças já adquiridas (como pressão alta) o que causa um afastamento temporário do local de trabalho. Ou seja, o estresse no trabalho tem sido causa de gatilho que desencadeiam outras doenças, quer física ou mental.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Identificar as causas de estresse no trabalho é uma causa pouco abordada, mas muito relevante na profissão da engenharia. O estudo quantitativo apontou a pressão da responsabilidade do cargo e o conflito e ambiguidade de papeis como maiores causadores de estresse na gestão da construção civil. A entrevista qualitativa apontou o fator tempo como principal causa de desencadeamento de estresse ocupacional.

A pesquisa teve como limitação uma quantidade não muito grande de engenheiros, se concentrando somente em Belém do Pará, não sendo possível fazer generalizações a partir dos dados. A partir desses achados, sugere-se para trabalhos futuros aplicar medidas de combate ao estresse (*coping*) no ambiente de trabalho, bem como fazer associações com a amostra como, por exemplo, verificar quais os agentes estressores que precedem o *Burnout* nessa classe de trabalhadores, ou quais deles contribuem para riscos de acidente no trabalho, entre outras associações com doenças mentais e físicas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, H. de et al. Modelos De Stress Ocupacional: Sistematização, Análise E Descrição. **International Journal of Developmental and Educational Psychology**, v. 2, p. 435–454, 2016.

BELÉM, K. G. de S. **Impactos e desafios da implantação da norma de desempenho NBR 15.575/2013 em empresas construtoras de dificações multifamiliares, 2018**. 2018. 157 f. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Dissertação (Mestrado em Construção Civil), 2018.

CHAKRABORTY, T. et al. Occupational stress, musculoskeletal disorders and other factors affecting the quality of life in Indian construction workers. **International Journal of Construction Management**, v. 18, n. 2, p. 144–150, 2018.

COOPER, C. L. .; DEWE, P. J. .; O’ DRISCOLL, M. P. . **Organizational Stress: A Review and Critique of Theory, Research, and Applications**. Thousand Oaks, CA, EUA: Sage publications, 2001.

FERREIRA, M. C. et al. Escala para avaliação de estressores psicossociais no contexto laboral: construção e evidências de validade. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 28, p. 340–349, 2015.

FLETCHER, B. C. **Work, stress, disease, and life expectancy**. New York: Wiley, 1991.

GOLDENHAR, L. M.; WILLIAMS, L. J.; SWANSON, N. G. Modelling relationships between job stressors and injury and near-miss outcomes for construction labourers. **Work and Stress**, v. 17, n. 3, p. 218–240, 2003.

JUNG, M.; LIM, S.; CHI, S. Impact of work environment and occupational stress on safety behavior of individual construction workers. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 17, n. 22, p. 1–21, 2 nov. 2020.

LEUNG, M. Y.; CHAN, Y. S. I.; DONGYU, C. Structural linear relationships between job stress, burnout, physiological stress, and performance of construction project managers. **Engineering, Construction and Architectural Management**, v. 18, n. 3, p. 312–328, 2011.

LEVINE, S.; SCOTCH, N. **Social Stress**. New York: Taylor & Francis, 2017.

LING, F. Y. Y.; GOH, X. Managing Stressors Faced by Cost Engineers. **Journal of Professional Issues in Engineering Education and Practice**, v. 144, 2018.

LOOSEMORE, M.; WATERS, T. Gender Differences in Occupational Stress Among Professionals in the Construction Industry. **Journal of Management in Engineering**, v. 20, n. 3, p. 126–132, 2004.

LOVE, P. E. D.; EDWARDS, D. J.; IRANI, Z. Work stress, support, and mental health in construction. **Journal of Construction Engineering and Management**, v. 136, n. 6, p. 650–658, 2010.

MAQSOOM, A. et al. Intrinsic psychosocial stressors and construction worker productivity: impact of employee age and industry experience. **Economic Research**, v. 31, n. 1, p. 1880–1902, 2018.

MARRAS, J.; VELOSO, H. **Estresse ocupacional**. Rio de Janeiro: Elsevier Ltda, 2012.

NG, S. T.; SKITMORE, R. M.; LEUNG, T. K. C. Manageability of stress among construction project participants. **Engineering, Construction and Architectural Management**, v. 12, n. 3, p. 264–282, 2005.

PASCHOAL, T.; TAMAYO, Á. Validação da escala de estresse no trabalho. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 9, n. 1, p. 45–52, 2005.

PEREIRA, L. Z. **Novas perspectivas para a abordagem do estresse ocupacional em gerentes. Belo Horizonte**. 2005. Universidade Federal de Minas Gerais, Tese (Doutorado em Administração), 2005.

SIMONELLI, L. Estresse ocupacional e alternativas de intervenção: um estudo bibliométrico. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 3, p. 55, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i3.2401>.

STROBINO, M. R. de C.; TEIXEIRA, R. M. Empreendedorismo feminino e o conflito trabalho-família: estudo de multicasos no comércio de material de construção da cidade de Curitiba. **Revista de Administração**, v. 49, p. 59–76, 2014.

VALINOTE, H. C. et al. Análise da Qualidade de Vida , Capacidade para o Trabalho e Nível de Estresse em Trabalhadores da Construção Civil. **Brazilian Journal of Environmental Sciences**, v. 32, 2014.

WANG, H. X. et al. Psychosocial stress and atherosclerosis: family and work stress accelerate progression of coronary disease in women. The Stockholm Female Coronary Angiography Study. **Journal of Internal Medicine**, v. 261, p. 245–254, 2007.

WU, X. et al. Development of construction workers job stress scale to study and the relationship between job stress and safety behavior: An empirical study in Beijing. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 15, n. 11, 1 nov. 2018.